

ENREDAMENTOS VISUAIS, LITERÁRIOS E MITOLÓGICOS NA OBRA DE ANNIE ERNAUX

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹UFPel – anabeatrizr.rosse@gmail.com

²UFPel – claummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O livro *L'usage de la photo* (2005), escrito por Annie Ernaux em conjunto com Marc Marie, configura-se como um projeto artístico e memorialístico que articula imagem e palavra na tentativa de elaborar experiências íntimas atravessadas pela doença e pela morte. A partir de imagens fotográficas registradas após encontros amorosos do casal e textos escritos por ambos posteriormente, a obra propõe uma reflexão acerca do tempo, da presença e da memória. Nela é articulado o corpo desejante e o corpo adoecido da autora, que passava por um tratamento de câncer durante o período de escrita do livro. Cada fotografia é vetor para a escrita dos autores, que investigam os vestígios deixados no espaço, como roupas e objetos cotidianos, transformando o banal em sinal de algo mais profundo: o desaparecimento. Este texto integra o processo inicial de pesquisa de mestrado em desenvolvimento na linha *Educação em Artes e Processos de Formação Estética*, no Programa de Pós-graduação em Artes, da Universidade Federal de Pelotas, vinculada ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).

O presente trabalho busca examinar a potência simbólica dessas imagens e textos, refletindo sobre como o espaço íntimo fotografado se converte em território de inscrição do desejo, da doença e da finitude. Nesse gesto visual e textual, ao entrelaçar o olhar fotográfico com a escrita memorialística, Ernaux e Marie operam uma espécie de resistência ao esquecimento, convocando uma estética dos rastros e dos pequenos acontecimentos cotidianos, assim construindo uma poética de memória que se inscreve entre os extremos do erotismo e da doença, do corpo desejante e do corpo marcado pelo câncer, da vida ordinária e do desaparecimento eminentes. A fotografia, nesse contexto, não apenas documenta, mas age como dispositivo de elaboração do vivido.

2. METODOLOGIA

Com base nas ideias de Gilbert Durand (2012), Gaston Bachelard (2000) e Georges Didi-Huberman (2015), e adotando uma abordagem qualitativa e interpretativa, propomos uma análise simbólica de três imagens do livro, dos capítulos *Chambre 223 de l'hôtel Amigo*, *Cuisine matinale* e *Cuisine du 17 avril*; articulando os planos simbólicos dessas imagens, os textos que as acompanham, o papel da luz, da imaginação e da escrita como resistência ao apagamento. Ao iluminar a relação entre fotografia e palavra, esta leitura pretende contribuir para uma compreensão mais profunda da obra, ressaltando sua densidade simbólica e sua força como testemunho sensível da condição humana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

L'usage de la photo (2005) é um livro que se constrói a partir do entrelaçamento entre texto grafado e texto visual. Fotografias do espaço íntimo, contendo roupas largadas após o amor, objetos dispersos no chão, vestígios do corpo que ali esteve, são disparadores para comentários, fragmentos, memória e reflexões que são registradas nas páginas por meio da escrita. Não se trata de uma ilustração; texto e imagem co-produzem sentido, integrando uma economia de deslocamento entre o que se mostra e o que se diz.

As fotografias não mostram os corpos em sua plenitude desejante, mas sim, os rastros deixados por eles: calças jogadas sobre o tapete, sutiãs caídos, sapatos desalinhados e entre outros. Trata-se, assim, de uma estética dos vestígios, daquilo que resta após o ato amoroso. A presença se dá através da ausência, em um jogo simbólico reiterado. As imagens capturam o erotismo, não como espetáculo, mas como experiência sensível e efêmera, já atravessada pela consciência da perda.

O conceito de imaginação simbólica, como discutido por Gilbert Durand, em *As estruturas antropológicas do imaginário* (1997), nos auxilia a compreender essa operação estética e afetiva do livro. As imagens do livro pertencem ao que Durand chama de “regime noturno do imaginário”: são marcadas pela profundidade, pela sombra, pela circularidade e principalmente pela tensão entre Eros e Tânatos. As roupas desfeitas evocam tanto a desordem criadora do desejo quanto a passagem do tempo, o declínio, aquilo que já se foi e não volta mais. O que está em cena, então, é o erotismo como limiar entre vida e morte.

Para Durand, Eros e Tânatos não são apenas categorias psicológicas ou mitológicas; eles representam duas forças simbólicas primordiais que estruturam o imaginário humano. Eros, como impulso vital, criador e agregador está ligado a sensualidade, ao desejo, à união e à fecundidade. Tânatos, por sua vez, relaciona-se com a fragmentação, a perda, a morte e ao retorno ao caos. No regime noturno do imaginário, essas duas forças não estão em oposição binária, mas sim, em constante tensão e entrelaçamento. A imagem simbólica, nesse contexto, é justamente o lugar em que essas potências se manifestam simultaneamente, como se a vida só pudesse afirmar-se pela consciência de finitude.

Tal articulação simbólica é plenamente e amplamente visível na obra de Ernaux e Marie. As fotografias analisadas não mostram apenas a celebração do desejo (Eros), mas também o peso do que foi vivido e perdido (Tânatos). Nos capítulos analisados, a justaposição de roupas espalhadas com a luz matinal que entra pela janela, sugere tanto o prazer recém experimentado quanto sua condição transitória e passageira: aquilo que existiu, agora jaz como vestígio. O corpo vulnerável e adoecido (Tânatos) não exclui o erotismo (Eros), ao contrário, o intensifica, revelando uma relação atravessada pela consciência do fim, afirmando o desejo mesmo frente à destruição.

Assim, as imagens de Ernaux e Marie são territórios simbólicos onde Eros e Tânatos se encontram e se tensionam. As fotografias e os textos revelam uma imaginação que não teme o sombrio, mas que o incorpora como parte essencial da experiência sensível e humana. Como propõe Durand, o imaginário noturno não é lugar de fuga, mas de enfrentamento dos limites da condição humana, um lugar onde a finitude não suprime a intensidade da vida, mas a torna ainda mais vivida.

As imagens analisadas revelam uma poética construída a partir dos rastros deixados após o amor. Tais elementos, ao invés de simplesmente documentarem a intimidade, acionam uma memória sensível que articula desejo, perda e finitude.

O erotismo, assim, afirma a vida mesmo diante da morte. Em Ernaux, essa afirmação se dá através daquilo que resta.

A imagem do quarto de hotel (*Chambre 223 de l'hôtel Amigo*) concentra simbolicamente o erotismo e a doença. Ernaux relata o momento em que revela pela primeira vez a cabeça raspada ao parceiro. Como coloca Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* (2000), o espaço habitado se transforma em imagem interior: cada quarto, cada cozinha, cada canto doméstico carrega uma topofilia, uma memória afetiva que participa da constituição da subjetividade. A autora projeta no espaço provisório do quarto de hotel (nem casa, nem hospital) a representação de sua identidade em transição: de mulher que deseja e é desejada à mulher marcada pelo tratamento oncológico.

Na imagem da cozinha (*Cuisine matinale*), a luz matinal adquire um valor estético e simbólico. Ela recorta objetos, revela silêncios e anuncia a finitude: a noite se termina, o dia avança, o tempo passa, o corpo se transforma. O erotismo, aqui, se manifesta na desordem cotidiana (louças na pia, roupas espalhadas no chão, restos de refeição e uma lixeira abarrotada), contrapondo-se ao rigor clínico das imagens médicas as quais a autora é sujeita a posar, mas se recusa a olhar. A luz aqui é revelação e perda: mostra o vívido, mas também distancia a relação a ele.

Em *Cuisine du 17 avril*, o chão da cozinha coberto de roupas nos sugere um instante íntimo suspenso no tempo. Ernaux descreve minuciosamente os tecidos, como se quisesse reter o que desaparece. O corpo doente, marcado, riscado, queimado pelo cobalto e pela radiação (vestígios de um processo que busca salvá-la, mas que também a fere), aparece nos textos como espaço vulnerável e político: corpo em tratamento, corpo feminino, corpo que insiste em desejar. A fotografia adquire, assim, uma função de reveladora: torna visível o eu o discurso social tende ocultar, o corpo doente, o sofrimento silencioso e a intimidade fragilizada. E a escrita torna-se resistência à dor silenciosa e a medicalização da experiência.

Georges Didi-Huberman, em *Diante do Tempo: História da Arte e Anacronismo das Imagens* (2015), propõe que a imagem se situa sempre entre o visível e o ausente: ela mostra o que se apresenta, mas ao mesmo tempo convoca o que já não está, aquilo que falta. A imagem, portanto, é um espaço de espessura temporal e afetiva, no qual os sentidos se desdobram em camadas. Uma espessura temporal feita de sobrevivências, intervalos e retornos.

As fotografias de *L'usage de la photo* exibem vestígios presentes (roupas, objetos etc.), mas convocam o que já não está (os corpos, os instantes amorosos, a integridade física anterior ao câncer). A tensão entre presença material e ausência corporal amplia o campo afetivo da leitura: o que vemos são restos que insistem. Essas imagens e textos marcados pela tensão entre Eros e Tánatos, esses polos que não se anulam, mas se entrelaçam, gerando uma estética de extremos, não são espetáculo, mas espaços de elaboração do sofrimento e da memória; gestos de resistência simbólica à doença, à morte e ao esquecimento.

4. CONCLUSÕES

Ao fotografar e escrever, Ernaux e Marie ativam uma imaginação simbólica que, longe de estetizar o sofrimento, o ressignifica. A imagem torna-se espaço de elaboração, não de glamourização. Diante de um mundo marcado por extremos: climáticos, sociais e existências; *L'usage de la photo* nos oferece uma contra-

estética: imagens aparentemente banais, mas profundamente dramáticas em sua intimidade.

Ao escolher o fragmento e o detalhe, os autores propõem uma ética da atenção à memória. Contra a lógica do consumo rápido das imagens e do esquecimento generalizado, a escrita visual, presente, reivindica o gesto de olhar o que permanece. Uma estética dos rastros, dos vestígios e dos pequenos desastres cotidianos. E, ao fazerem isso, constroem uma poderosa forma de resistência simbólica aos extremos que nos atravessa.

A análise das três imagens evidencia como a obra utiliza a fotografia e a escrita como formas de dar sentido a existência. Os textos de Ernaux e Marie, ao refletirem sobre os vestígios deixados após o ato amoroso, transforma o íntimo em um espaço de resistência simbólica. Ao invocar a história coletiva, a enfermidade, a morte e amor, o livro se inscreve como um testemunho sensível e lúcido da condição humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do Tempo: História da Arte e Anacronismo das Imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 4^a edição, 2012.
- ERNAUX, A. **L'Usage de la photo**. Paris: Editions Gallimard, 2005